



A. Domingues de Azevedo
Presidente da CTOC

Opinião da CTOC | "O poço do endividamento das famílias portuguesas, que já ultrapassa os seus rendimentos, terá fundo? Famílias existem que já estão em falência não declarada. Nem a planificação do seu orçamento familiar lhes vale"

As virtudes do aforro

"No poupar é que está o ganho", é um *slogan* que já esteve muito na moda. Nos últimos anos, porém, caiu em desuso. Os portugueses pouparam cada vez menos e são poucos os que se podem gabar de chegar com alguns euros ao fim do mês. O nível de aforro é residual, quase inexistente. A febre consumista iniciada na segunda metade da década de 1990 estourou com muitas bolsas. A propósito do Dia Mundial da Poupança, que se comemorou na passada semana, foi lançada uma campanha informativa para ajudar os portugueses a gerir o seu dinheiro, divulgando alguns investimentos/mecanismos interessantes em termos de benefícios fiscais, mas que são inviabilizados pela escassa ou nula margem de poupança dos cidadãos. Com a "corda na garganta", a muitos portugueses só resta recorrer ao crédito, multiplicando-se os desesperados pedidos de auxílio às entidades bancárias. A classe média é das mais sacrificadas e

das que mais solicita pagamentos a prestações para adquirir casa, carro, telemóvel e as compras do mês. No outro dia, um jornal noticiava que até já se recorre ao crédito para pagar uma... torradeira. Em Julho, os portugueses deviam aos bancos quase 125 mil milhões de euros, a maior parte, em crédito habitação, mais 7,7% do que acontecia em igual período de 2006. 2201 milhões de euros é o crédito malparado até Julho passado, mais 2,7% do que no ano transacto. Nestes sete meses, os pedidos de apoio aumentaram em mais de 60%.

Números que devem fazer reflectir, cidadãos, políticos e entidades bancárias. O ministro das Finanças já demonstrou publicamente a sua preocupação com o nível de sobreendividamento das famílias. Os bancos, apertaram o crivo e estão agora mais exigentes na concessão de crédito. Enquanto isso, nas lojas aumentam os pedidos de desconto e facilidades de paga-

mento. E o Natal, e consigo a insaciável febre consumista, está à porta.

O poço do endividamento das famílias portuguesas, que já ultrapassa os seus rendimentos, terá fundo? Famílias existem que já estão em falência não declarada. Nem a planificação do seu orçamento familiar lhes vale, porque o que recebem num mês é para pagar dívidas acumuladas de meses anteriores.

A falta de informação e a insuficiente educação financeira dos portugueses tem contribuído para agravar este fenómeno que a todos deve preocupar. Os mais incautos, quando confrontados com publicidade de créditos, não se questionam sobre os seus encargos reais. As contas fazem-se mais tarde. Tarde demais. Pese embora sabermos que o dinheiro não estica e o cinto terá de permanecer apertado por mais algum tempo, seria da maior utilidade esclarecer os portugueses sobre alternativas de investimento nas mais diversas aplica-

ções. Pese embora a redução dos benefícios fiscais, é possível, através de uma estratégia pensada e informada, que os ganhos possam, pelo menos, minorar o fardo das despesas.

As instituições e/ou organizações profissionais podem também estimular a propensão para a poupança e prevenir situações menos agradáveis no futuro dos seus membros. A CTOC, por exemplo, criou um fundo de pensões, em 2004, que continua a suscitar muito interesse no seio dos profissionais.

Urge elucidar a população em geral sobre as vantagens de uma correcta gestão das poupanças, o que implica comparar e analisar os diversos produtos financeiros existentes no mercado e optar pela escolha mais favorável e adequada ao seu perfil de investidor. Deste esforço, depende o investimento correcto em determinadas aplicações financeiras. Mais do que nunca informação e esclarecimento, precisam-se. ■